

## RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E LETRAMENTO NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM LETRAS E PEDAGOGIA: UMA PROBLEMATIZAÇÃO INICIAL

### Resumo

Este texto apresenta parte das reflexões realizadas em uma pesquisa de mestrado em andamento, e procura investigar as relações existentes entre gênero e letramento, nos cursos de Licenciatura em Letras e Pedagogia de uma universidade da região sul do Brasil. Buscando inspiração nos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas (SCOTT, 1995; NICHOLSON, 2000; MEYER, 2012), e no pensamento de Michel Foucault (2012; 2013), procuramos investigar de que formas o gênero atravessa e constitui os discursos sobre letramento (SOARES, 2001; ROJO, 2009) nos cursos de Letras e Pedagogia. Para tanto, adotamos a análise documental como procedimento metodológico a fim de se examinar currículos, projetos político-pedagógicos e caracterizações das disciplinas. A análise desenvolvida até o momento nos permite chegar às seguintes conclusões parciais: 1) embora esteja presente nas documentações dos dois cursos, gênero parece algo “guetizado” no contexto da formação inicial de professores, isolado em raríssimas disciplinas, quando relacionado às atividades de letramento; 2) ainda que em alguns momentos haja a presença da menção de gênero nos currículos, parece que gênero não está implicado na própria construção dos sujeitos – inclusive, dos próprios sujeitos professores em formação.

**Palavras-chave:** gênero; discurso; letramento; formação inicial de docentes.

**Éderson da Cruz**

edersoncruz.sl@gmail.com

**Maria Claudia Dal’Igna**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

mcdaligna@hotmail.com

Este texto apresenta parte das reflexões realizadas em uma pesquisa de mestrado em andamento, e procura investigar as relações existentes entre gênero e letramento, nos cursos de Licenciatura em Letras e Pedagogia de uma universidade da região sul do Brasil<sup>1</sup>.

Buscando inspiração nos Estudos de Gênero numa perspectiva pós-estruturalista e no pensamento de Michel Foucault, procuramos investigar e refletir de que formas o gênero atravessa e constitui os discursos sobre letramento nos cursos de graduação, articulando, assim, gênero e discurso (duas ferramentas conceituais importantes). Ao longo desta pesquisa pretendemos mostrar, buscando apoio em Joan Scott (1995), Linda Nicholson (2000) e Dagmar Meyer (2012), como gênero funciona como elemento organizador que orienta o currículo, as práticas pedagógicas, as formas de organização do processo de formação inicial. Ao mesmo tempo, buscamos analisar de que formas os discursos sobre letramento são atravessados e constituídos pelo gênero, e também, passando pelo que Michel Foucault (2012) denomina procedimentos de discurso, a fim de que adquirirem caráter de verdade, tensionar possíveis desdobramentos relativos a tais atravessamentos.

Optamos por investigar a constituição curricular das duas graduações, utilizando o procedimento da análise documental para identificar as disciplinas relacionadas ao letramento. Em seguida, analisamos as caracterizações dessas atividades e, posteriormente, buscamos nos projetos político-pedagógicos dos cursos todas as menções do termo gênero, as quais serão retomadas ao longo do presente texto.

### Gênero e discurso: duas ferramentas

Antes de realizar a análise documental, consideramos importante explicar os significados atribuídos aos conceitos selecionados para desenvolver o estudo: gênero e discurso. Além disso, abordamos brevemente o tema do letramento.

Para Nicholson (2000, p. 10), “gênero’ tem suas raízes na junção de duas ideias importantes do pensamento ocidental moderno: o da base material da identidade e a da

---

<sup>1</sup> Por motivos éticos, o nome da Instituição de Ensino Superior onde está sendo desenvolvida a pesquisa não será divulgado.

construção social do caráter humano”. Segundo a autora, o uso do termo gênero acompanhou o próprio desenvolvimento do processo de pensamento e de compreensão do corpo, uma vez que, por exemplo, até meados da década de 60, o gênero era associado aos papéis sociais dos indivíduos. Num segundo momento, ainda nesse período, a compreensão do gênero foi ampliada para o campo comportamental que exprime as diferenças entre homens e mulheres. Os anos 70 foram marcados, em parte, ainda pela aceitação do gênero como fator biológico, ao mesmo tempo em que outras compreensões surgiam: a ideia de um gênero passa a ser dissociada da obrigatoriedade do sexo. Scott (1995, p. 72) explica que

na sua utilização mais recente, o termo “gênero” parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”.

Na mesma direção, Meyer (2012) mostra que, apesar de gerar muitas controvérsias, o conceito de gênero foi gradativamente incorporado às diversas correntes feministas para ressaltar que as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres são social e culturalmente construídas. Apesar dessa convergência, em algumas vertentes feministas o sexo, como base biológica universal, não foi problematizado. Em outras, como na abordagem feminista pós-estruturalista, introduzem-se mudanças importantes porque as noções de corpo, sexo e sexualidade também são colocadas sob suspeita. Trata-se de

[...] uma abordagem muito mais ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação (MEYER, 2012, p. 18).

É a partir dessa outra forma de pensar que os sentidos essenciais e universais de masculino e feminino passam a ser contestados, pois o gênero não se constitui como algo dado naturalmente, mas como uma invenção humana. Pressupostos de masculino e feminino são constituídos por discursos, ao mesmo tempo em que gênero estrutura as relações sociais que tornam esses pressupostos possíveis. Assim, gênero é, ao mesmo tempo, elemento que organiza a cultura e os corpos, e que também é atravessado e constituído por discursos circulantes na cultura.

Mas o que entendemos como discurso? Para Foucault (2013, p. 60), o termo discurso refere-se a um “[...] conjunto de práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Para analisar as regras de formação dos objetos, precisamos compreender que existem certos princípios, certos procedimentos que operam na ordem dos discursos. Foucault (2012) explica que o discurso não se manifesta livremente, ou seja, está vinculado ao desejo e ao poder e certos princípios o orientam. Dentre esses princípios, que atuam mais especificamente na institucionalização discursiva, estão os procedimentos externos, que são os sistemas ou princípios de interdição<sup>2</sup> (“tabu o objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala [...]” – p. 9) e de exclusão<sup>3</sup> (“[...] a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade [...]” – p. 18), e os procedimentos internos (o comentário<sup>4</sup> – p. 21, o autor<sup>5</sup> – p. 25 e as disciplinas<sup>6</sup> – p. 28).

Tais sistemas ou princípios possibilitam (ou não) a um discurso entrar numa ordem, institucionalizar-se, e também se apóiam numa *vontade de verdade*, capaz de exercer poder sobre os discursos. Tais encadeamentos, manifestos por formações discursivas diversas, se entrelaçam e atravessam não apenas os sujeitos, mas também os artefatos produzidos pela cultura que os mantêm.

Se para Foucault (2013) os discursos se apoiam em sistemas de formação, torna-se importante (e possível) investigar as formações discursivas que os atravessam. Ressaltamos que, sob tal perspectiva (FOUCAULT, 2012; 2013), analisar discursos não consiste em buscar outros discursos não ditos, nas entrelinhas ou mesmo por detrás de cortinas, mas em olhar para a “[...] relação necessária entre o discurso e o não-discurso, o

<sup>2</sup> “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2012, p. 9).

<sup>3</sup> “Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição” (FOUCAULT, 2012, p. 10).

<sup>4</sup> “O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto seja dito e de certo modo realizado” (FOUCAULT, 2012, p. 24).

<sup>5</sup> “O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como o princípio de agrupamento do discurso, como a unidade e origem de suas significações, como o foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2012, p. 25).

<sup>6</sup> “[...] em uma disciplina, diferentemente do comentário, o que é suposto como ponto de partida, não é um sentido que precisa ser redescoberto, bem uma identidade que deve ser repartida; é aquilo que é requerido para a construção de novos enunciados” (FOUCAULT, 2012, p. 29).

fato de algumas instâncias serem vistas didaticamente como suportes de enunciados [...] em constante transformação por ‘exercitar-se’ nesses espaços todos” (FISCHER, 2012, p. 91), ou seja, é olhar para aquilo que está materializado, que é *deste mundo*, tais como as formações discursivas que dão sustentação ao currículo.

Assim, podemos compreender que o currículo de um curso de formação inicial é generificado, pois é atravessado e constituído por pressupostos de masculinidade e de feminilidade. Ao mesmo tempo, nos constituímos como homens e mulheres no âmbito da sociedade e de outras instâncias sociais com a escola e a universidade, por meio de “processos educativos que envolvem estratégias sutis e refinadas de naturalização que precisam ser reconhecidas e problematizadas” (MEYER, 2012, p. 17).

Quando refletimos sobre as estratégias de naturalização que podem constituir um processo de formação, percebemos que alguns dos temas abordados em uma formação articulam-se mais diretamente com questões de gênero, ainda que isso não esteja previsto nos currículos. O letramento é um desses temas. Conforme Magda Soares (2001), o termo “letramento” já é antigo na língua portuguesa. No entanto, ao longo dos anos, seu significado foi sendo alterado.

Segundo a autora, a primeira ocorrência dessa palavra no Brasil se deu no *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete. Verificamos essa palavra na edição de 1958 (p. 2957), e encontramos a seguinte definição: “s. m. (ant.) escrita. II F. Letra”; já, no Dicionário Aurélio de 2008 (p. 513), encontramos duas definições diferentes das de Caldas Aulete (1958): “ato ou efeito de letrar-se” e “estado ou condição de indivíduo ou grupo capaz de utilizar-se da leitura e da escrita, ou de exercê-las como instrumentos de sua realização e de seu desenvolvimento social e cultural”, definições essas, provavelmente já influenciadas pelas concepções que os estudos linguísticos conferiram ao termo *letramento*.

Segundo a autora, no final do século XX, verificou-se, no Brasil, que embora as taxas de analfabetismo tivessem reduzido, ainda assim havia um grande número de pessoas alfabetizadas que não eram efetivamente leitoras, e não sabiam fazer uso da escrita nas

situações sociais. Com isso, surgiu a necessidade de se formar não apenas para ler e escrever, mas de se habilitar o leitor/escritor para atuar ativamente na sociedade.

Ainda segundo Soares (2001), o significado moderno para letramento não veio da língua portuguesa, mas da língua inglesa, do termo *literacy*, que significa “estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever”. Desse modo, podemos dizer que letramento, em sentido educacional, significa um estágio intelectual no qual o educando se apropria da linguagem escrita de forma hábil nas situações cotidianas das esferas sociais. “Letramento é, pois o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo por ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2001, p. 18 – grifo da autora). Também, sobre o letramento, Rojo (2009, p. 98) afirma que se refere aos “[...] usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos [...], numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural”.

Se os textos são vinculados aos contextos em que são produzidos, podemos sugerir que eles carreguem marcas, e dentre essas, marcas de gênero. Tais textos, carregados dessas marcas, não circulam apenas nas esferas afastadas da academia; estão lá, fazem parte do currículo. E possuem especial relevância nas disciplinas que discutem os processos pedagógicos envolvidos na formação dos leitores. Alguns desses processos, inclusive, demarcam o lugar que a literatura ocupa a partir do sexo do leitor. Trazemos, a seguir, um excerto de uma teorização sobre critérios de seleção literária em sala de aula, perspectiva estudada pelos cursos de graduação:

na determinação dos interesses de leitura, o sexo do leitor também precisa ser considerado, já que os meninos tendem a se identificar com histórias em que atuem heróis masculinos, ocorrendo o inverso entre as meninas. Na seleção de um acervo de livros para ser trabalhado em sala de aula, o professor deve buscar o equilíbrio, apresentando opções para ambos os sexos (JARDIM, 2001, p. 78).

Assumindo como referência os conceitos de gênero e de discurso, interessa-nos analisar a documentação dos cursos de graduação em Pedagogia e Letras, uma vez que entendemos que tais documentos estão implicados na produção de sujeitos masculinos e femininos. Pensamos em analisar tal documentação porque também achamos que, ainda

que não manifestas de forma explícita, as práticas, os currículos, os sujeitos em formação nas licenciaturas sejam atravessados por discursos de gênero, e também que, desse modo, sujeitos se constituam a partir de tais atravessamentos.

Tomamos, novamente, as palavras de Foucault (2012) para pensar a produção dos sujeitos de gênero por meio do processo de formação, pois

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2012, p.8-9).

Assim, podemos dizer que os currículos não são organizados ao acaso; são pensados a partir de uma lógica implicada na formação de determinados tipos de sujeitos. O currículo pode ser compreendido como resultado de um conjunto de discursos e, ao mesmo tempo, como produtor de discursos que acabam fixando posições de sujeito muito particulares ao longo de um processo de formação inicial. Entretanto, há que se observar que podemos agir sobre o currículo, para contestar determinados discursos, subvertê-los, buscando promover não apenas aqueles efeitos por ele previstos, mas também a transgressão, o desvio e o deslocamento dos sujeitos.

Quando, por exemplo, são escolhidas disciplinas para comporem esse currículo, provavelmente, ele é pensado a partir de uma percepção (individual ou coletiva) sobre o *sujeito-professor*, ou ainda, sobre *que tipo de sujeito-professor se pretende formar*. Tal percepção é atravessa e constituída por discursos que são legitimados; em contrapartida, outros, passam pelo crivo da segregação ou da secundarização.

Embora, muitas vezes, nas graduações, pensemos que a formação dos sujeitos possa ser resumida a um conjunto de conhecimentos que são transmitidos a esses sujeitos, para exercitar a própria desnaturalização da constituição desse currículo, adotamos a postura de problematização dos conhecimentos supostamente neutros, que são eleitos e colocados em circulação em um processo de formação.

## Gênero e letramento nos currículos: um exercício de desnaturalização

Antes de apresentarmos o exercício de desnaturalização no qual investimos para realização da pesquisa, buscamos refletir sobre o procedimento metodológico escolhido para este exercício: *pesquisa documental*. Segundo o Dicionário Houaiss (2004), *documento* significa “declaração escrita que serve de prova de um acontecimento, fato ou estado” (p. 257). Sendo uma declaração escrita sobre algo, procuramos vê-lo como fonte informacional válida para a composição da pesquisa, uma vez que pode traduzir (ou não) algumas práticas. Tal procedimento, conhecido como a *pesquisa documental*,

[...] é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto para a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, às fontes primárias (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 6).

Partindo de tais reflexões, optou-se por selecionar documentos, com base nos objetivos da pesquisa. Após, a análise dividiu-se em dois momentos articulados.

O primeiro momento da análise constituiu-se no exame dos currículos dos cursos, para seleção das disciplinas que abordam letramento. O segundo processo realizado foi uma leitura detalhada dos projetos político-pedagógicos, visando a encontrar referências sobre gênero em sua constituição, localizando-os no contexto do currículo (em que seções aparecem? relacionados a que assuntos?). Após, foi feita a transcrição desses dados em quadros para facilitar a visualização. Para o exercício analítico, foram levadas em consideração as ocorrências de gênero e foram tensionados possíveis significados.

Ao buscarmos nos projetos político-pedagógicos (PPPs) citações explícitas sobre gênero, foi possível constatar que, no PPP do curso de Letras, há apenas três citações de gênero, sendo em todas elas entendido como elemento implicado na produção de sujeitos. O que também saltou aos olhos foi que das três citações, uma delas aparece em uma disciplina compartilhada por todas as licenciaturas, e as outras duas encontram-se no *corpus* de uma mesma atividade acadêmica, da habilitação em língua inglesa.



Quadro 01: citações de gênero nas disciplinas de Letras.

Citação	Localização no corpo do documento
A dignidade humana e as questões étnicas e de gênero na educação e na formação da consciência moral	Nos conhecimentos da disciplina <i>Ética</i>
A atividade aprofunda a leitura e a análise de obras constitutivas das tradições literárias de língua inglesa, privilegiando diversas abordagens temáticas do eixo literário, tais como religião, secularismo, utopias, feminismo, identidade de gênero, identidade cultural, movimentos de minorias, entre outros.	Nos conhecimentos da disciplina <i>Abordagens Temáticas da Literatura de Língua Inglesa</i>
A partir da leitura de obras constitutivas da literatura de língua inglesa, serão realizados seminários, discussões e trabalhos individuais e em grupo. Tais atividades serão centradas nas abordagens temáticas destacadas nos saberes (religião, secularismo, utopias, feminismo, gênero, identidade cultural, minorias entre outros). As abordagens temáticas a serem discutidas ao longo da atividade serão definidas pelo grupo no primeiro encontro coletivo.	Metodologias, técnicas e recursos de ensino e aprendizagem da disciplina <i>Abordagens Temáticas da Literatura de Língua Inglesa</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

No PPP do curso de Pedagogia, há também três citações que foram consideradas relevantes, sendo que a primeira citação considera gênero como elemento implicado com a formação humana, e as outras duas, além de considerarem dessa forma, articulam gênero e sexualidade na produção das identidades.

Quadro 02: citações de gênero no PPP e nas disciplinas de Pedagogia.

Citação	Localização no corpo do documento
Identificar os processos de in/exclusão educacionais com vistas a contribuir para a inclusão das diferenças (geração, gênero, sexualidade, classe social, religião, raça/etnia, dentre outras).	Item <i>Competências Esperadas do Egresso do Curso de Pedagogia</i>
Em termos de políticas curriculares e de práticas pedagógicas, gênero e sexualidade são temas que permanecem sendo abordados com ressalva, ficando geralmente condicionados a determinados campos disciplinares.	Discussão no subtema <i>Gênero e Sexualidade</i>
A dignidade humana e as questões étnicas e de gênero na educação e na formação da consciência moral.	Nos conhecimentos da disciplina <i>Ética</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa análise inicial nos PPPs revelou, ao mesmo tempo, possibilidades de compreender a estruturação e de funcionamento desses, e também levantou algumas lacunas a tensionar.

Por que esse número de citações de gênero nos PPPs? Em quais circunstâncias surgiram ali? E ainda: por que as reflexões sobre gênero estão dispostas da forma como estão? Que condições tornaram possíveis a menção de gênero, e por que naqueles locais específicos dos documentos? Que relações estão em jogo nessa distribuição?

Tais perguntas são importantes porque permitem colocar sob suspeita os procedimentos que estruturam um sistema de ensino e que permitem que determinados objetos entrem numa ordem discursiva. “O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma

distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes?” (FOUCAULT, 2012, p. 42).

Essa apropriação do discurso também pode ser investigada por meio da análise das disciplinas dos cursos. Embora o letramento ocupe lugar de destaque no currículo do curso de Letras, dado o número de atividades acadêmicas relacionadas a tal, no currículo do curso de Pedagogia, a temática do letramento é abordada em apenas duas disciplinas.

Em relação a gênero, percebe-se, também, que no curso de Pedagogia essas discussões recebem visibilidade não nas dimensões de letramento propriamente, mas são tratadas como um tema que deveria ser desenvolvido/debatido nas variadas esferas do curso, pois integra o PPP. Em Letras, por sua vez, as discussões sobre gênero são abordadas a partir de uma disciplina cujo tema estruturante é a literatura inglesa. Um fato observado foi que, nessa disciplina, quando mencionado, o termo *gênero* aparece logo após *feminismo*.

A partir disso, nos questionamos: dentro do processo de letramento, debatido na formação inicial de docentes, que representações de gênero são contempladas? Será que gênero permanece sendo abordado como sinônimo de mulher, e não enfatizando as relações entre homens e mulheres? De que forma gênero atravessa a constitui outros espaços? Sabemos que o texto literário, traz marcas que produzem efeitos de sentido, e acabam sendo implicados na formação de determinados sujeitos; entretanto, desconfiamos que tais implicações de gênero estejam resumidas apenas a tal espaço. Gênero não se encontra visivelmente presente em muitos espaços dos currículos, ainda que, talvez, seja um elemento organizador desses. Também somente uma atividade acadêmica que aborda letramento literário sinaliza estudos de gênero. O que se pode constatar a partir disso?

Da mesma forma, quando pensamos na formação em Pedagogia, ou ainda na formação pedagógica compartilhada, oferecida aos estudantes de todas as licenciaturas, percebemos que o lugar que gênero ocupa nessas relações é secundário.

Parece que, nos currículos, ou na maior parte deles, há uma supressão de gênero por outros aspectos. A priorização de conteúdos parece se sobrepôr às discussões de gênero, ainda que tais saberes sejam atravessados e organizados por esse elemento.

Não pretendemos sinalizar se tais organizações curriculares estão certas ou erradas; entretanto, defendemos que o letramento, dentro desses dois cursos, é um elemento importante, tanto na formação dos futuros docentes quanto nas atividades que eles realizarão após sua formação. Também não é possível concordar que, ainda que não esteja explicitamente sinalizado, não haja intencionalidade nos lugares do currículo onde pode e onde não pode aparecer gênero, ou ainda, onde há um silenciamento sobre as questões de gênero. Por fim, argumentamos que a elaboração de tais questionamentos não nos coloca, como investigadores, numa posição de neutralidade diante desse quadro. Como afirmar Meyer (2012), também é preciso refletir sobre os pressupostos de gênero que atravessam e constituem formas científicas de conhecer e tornam conhecimentos possíveis.

### Conclusões parciais

Embora tal investigação não possua o objetivo de apontar “acertos” ou “erros” na constituição dos currículos de Letras e Pedagogia, não assumimos uma posição neutra diante das ocorrências que investigamos. Ao contrário, os campos teóricos que fundamentam a pesquisa nos fornecem ferramentas para apontar potencialidades e limites, assumir uma postura ao mesmo tempo política e de investigação diante de processos de naturalização, implicados na constituição de sujeitos de gênero, conforme Louro (2007):

É relevante refletir sobre os modos como se regulam, se normatizam e se vigiam os sujeitos de diferentes gêneros [...]; refletir sobre as práticas que tais sujeitos põem em ação para responder a esses desejos, as práticas que acionam para se constituírem como homens e mulheres. Sei que a sociedade trata desigualmente esses sujeitos e valoriza diferentemente essas práticas. Sei que tudo isso é atravessado e constituído por processos de classificação, hierarquização, de atribuição de valores de legitimidade e ilegitimidade, que sujeitos são acolhidos ou desprezados conforme as posições que ocupem [...] (LOURO, 2007, p. 204).

Essa investigação, implicada em tensionar a formação inicial de docentes a partir dessa perspectiva, elencou duas lacunas sobre as quais nos propomos a refletir no final deste texto: 1) embora esteja presente nas documentações dos cursos de Letras e Pedagogia, gênero parece algo “guetizado” no contexto da formação inicial de professores, muitas vezes isolado em raríssimas disciplinas no curso de Letras (algumas atividades acadêmicas relacionadas à literatura), ou ainda “jogadas” à responsabilidade dos programas de formação compartilhada, ou seja, nas disciplinas ditas “pedagógicas”; 2) ainda que em alguns momentos haja a presença da menção de gênero nos currículos, parece que gênero não está implicado na própria construção dos sujeitos – inclusive, dos próprios sujeitos-professores em formação.

Não estamos aqui defendendo a ideia de que gênero deva permear toda e qualquer discussão no espaço de formação inicial de professores, mas defendendo que gênero atravessa as discussões, atividades e posturas que regem o espaço acadêmico de formação e, com tal dimensão, produzindo efeitos de sentido nos próprios sujeitos que partilham de tal formação.

Se, por um lado, é impossível mapear todos os modos como o gênero atravessa e constitui os discursos sobre letramento, considerando-os como o princípio de dispersão das próprias formas de viver a masculinidade e a feminilidade nesses ambientes, assim como seus efeitos (ou não) nos próprios alunos, por outro lado, é possível verificar o que ocorre nesse microespaço de formação. Por isso, consideramos, aqui, que a investigação da documentação dos cursos seja o “pontapé” inicial desta pesquisa.

De que as práticas são atravessadas por discursos de gênero não há dúvidas; o que se tensiona, entretanto, é que tais práticas estejam naturalizadas. Também percebemos ser necessário olhar para o gênero além daquilo que está explicitamente determinado a formar um determinado tipo de sujeito feminino ou masculino, pois a própria documentação dos cursos – para além das menções explícitas sobre gênero – constitui-se como instância generificada, atravessada pelas relações de gênero e de poder. Por isso, a continuidade deste trabalho dar-se-á não apenas nas dimensões de analisar as marcas produzidas por gênero – fato da pesquisa inicial, mas em observar também quais deslocamentos, uma vez que se existem determinados grupos de textos que facultam a

possibilidade de os sujeitos sentirem-se nele representados, também pode haver uma ressignificação de gênero realizada por esses próprios sujeitos, a partir desses discursos vinculados ao letramento. Ainda que no currículo as concepções de letramento sejam hegemônicas, as práticas de formação podem possibilitar aos sujeitos se verem de maneiras diferentes daquelas representadas pelos currículos, fato que também não pode ser ignorado, dentro de um contexto permeado pelas relações de gênero, articuladas com relações de poder.

## Referências

- FISCHER, Rosa M. Bueno. *Trabalhar com Foucault: Arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 22 ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- HOUAISS. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- JARDIM, Mara. Critérios para análise e seleção de textos de literatura infantil. In: SARAIVA, Juracy Asmann (org.). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano de ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 75-79.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte: Universidade Federal do Paraná (UFPR), n. 46. p. 201-218, dez. 2007.
- MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. 8.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012. p.09-27.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis/SC: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), v.8, n.2, p.09-41, 2000.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

SÁ-SILVA, Jackson R.; ALMEIDA, Cristóvão D. de; GUINDANI, Joel F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), ano I, n. 1, p. 1-14, jul. 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995.

SOARES, Magda B. *Letramento: um tema em três gêneros*. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.